

## O CONCEITO DE PRÁTICA EM ALASDAIR MACINTYRE

*The Concept of Practice In Alasdair Macintyre*

Marina Giovanna Aires de Carvalho<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo explora o conceito de "prática" na teoria moral de Alasdair MacIntyre, destacando sua relevância para a reconstrução da ética das virtudes em um cenário de fragmentação moral contemporânea. Por meio de uma análise crítica da obra *Depois da Virtude*, são abordados os fundamentos históricos, filosóficos e narrativos que sustentam sua proposta ética. MacIntyre diagnostica a modernidade como um período de desordem moral, caracterizado por um pluralismo ético que carece de uma base comum de consenso. Ele propõe a retomada da teleologia e das virtudes aristotélicas como formas de superar esse dilema, adaptando-as ao contexto cultural e social atual. O conceito de prática é central nessa abordagem, sendo definido como uma atividade colaborativa guiada por normas e valores internos que buscam a excelência intrínseca. Além disso, o autor utiliza a narrativa como estrutura para integrar moralidade, história e tradição. A pesquisa argumenta que a reintegração das virtudes e práticas à moralidade oferece uma solução coesa e significativa para os desafios éticos contemporâneos. Este estudo contribui para um entendimento mais profundo das implicações de uma ética das virtudes em um mundo pluralista, ressaltando sua aplicabilidade no fortalecimento do bem comum e da justiça.

**Palavras-chave:** Alasdair MacIntyre; Ética das virtudes; Moralidade Contemporânea; Práticas.

### ABSTRACT

This article explores the concept of "practice" in Alasdair MacIntyre's moral theory, emphasizing its relevance for reconstructing virtue ethics in a contemporary context of moral fragmentation. Through a critical analysis of his work, *After Virtue*, the historical, philosophical, and narrative foundations of his ethical framework are examined. MacIntyre characterizes modernity as a period of moral disorder, marked by ethical pluralism lacking a shared basis for consensus. He advocates for the revival of teleology and Aristotelian virtues to address these dilemmas, adapting them to the current cultural and social context. The concept of practice is central to this approach, defined as a collaborative activity guided by internal norms and values aiming for intrinsic excellence. Furthermore, the author employs narrative as a structure to integrate morality, history, and tradition. This research argues that reintegrating virtues and practices into morality offers a cohesive and meaningful solution to contemporary ethical challenges. This study deepens the understanding of

---

<sup>1</sup> Graduanda em filosofia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI e bolsista voluntária do PET Filosofia UFPI. E-mail: [marina.de@ufpi.edu.br](mailto:marina.de@ufpi.edu.br)



the implications of virtue ethics in a pluralistic world, highlighting its applicability in strengthening the common good and justice.

**Keywords:** Alasdair MacIntyre; Contemporary Morality; Practices; Virtue Ethics.

## INTRODUÇÃO

A ética contemporânea enfrenta desafios significativos relacionados à fragmentação dos discursos morais e à ausência de uma base compartilhada para o consenso sobre valores fundamentais. No cenário atual, onde diferentes perspectivas sobre justiça, direitos e igualdade frequentemente entram em conflito, a proposta de Alasdair MacIntyre emerge como uma alternativa potente e reflexiva. Em sua obra seminal *Depois da Virtude*, MacIntyre oferece uma crítica incisiva ao estado da moralidade moderna e sugere uma reorientação para a ética das virtudes aristotélicas como resposta.

O conceito de "prática" ocupa um lugar central em sua proposta, sendo descrito como uma atividade colaborativa e complexa, orientada por normas internas e guiada pela busca de excelência intrínseca. A partir dessa definição, práticas não apenas desenvolvem habilidades técnicas, mas também requerem virtudes morais que conectam indivíduos à comunidade e à tradição. Para MacIntyre, práticas são a base para restaurar a integridade moral, uma vez que fornecem um contexto no qual valores e narrativas culturais se encontram e se sustentam.

Além disso, MacIntyre enfatiza a relevância da narrativa como estrutura fundamental para entender a moralidade, argumentando que as ações humanas devem ser situadas em histórias maiores que conectem o passado, o presente e o futuro. Esse enfoque narrativo permite integrar tradições e virtudes em uma visão ética coesa, capaz de enfrentar os desafios do individualismo exacerbado e da desorientação moral contemporânea.

Este artigo busca investigar o papel do conceito de prática na teoria moral de MacIntyre, examinando sua relação com a ética das virtudes e sua capacidade de oferecer respostas às demandas éticas do mundo atual. Por meio de uma análise crítica, será demonstrado como o pensamento de MacIntyre pode contribuir para a construção de uma moralidade mais sólida e orientada para o bem comum, em contraposição às tendências fragmentárias da modernidade.

Alasdair MacIntyre tem como objetivo trazer de volta à modernidade a ética das



virtudes, recuperando elementos essenciais da tradição aristotélica para contestar a dominante perspectiva deontológica na moralidade contemporânea. Em sua obra pioneira, *Depois da Virtude: Um Estudo em Teoria Moral*, MacIntyre inicia sua análise destacando o desacordo moral que permeia o cenário ético atual, um reflexo de uma abordagem moral que falhou. Ele investiga e critica diferentes correntes éticas que emergiram após a modernidade. Uma dessas correntes é o emotivismo, que, na visão do autor, é insatisfatório, pois reduz a moral à mera expressão de sentimentos e preferências individuais, sem oferecer uma base sólida para a avaliação ética das ações.

A análise de MacIntyre ultrapassa as teorias modernas, pois também se volta para as tradições que sustentaram esses sistemas éticos. Ele enfatiza a importância da história e do contexto cultural na formação de nossos conceitos morais. Além de criticar as deficiências das teorias modernas e suas origens históricas, MacIntyre propõe um retorno à ética das virtudes de Aristóteles, adaptando-a ao cenário atual.

Ele argumenta que a teoria das virtudes oferece uma estrutura mais sólida e contextualizada para compreender e avaliar a moralidade. Em sua abordagem, o conceito de prática é especialmente relevante. Pois, para MacIntyre, as práticas são atividades colaborativas e complexas, que possuem um bem intrínseco e são moldadas por um contexto histórico e cultural específico. Dessa forma, esse redirecionamento para a ética das virtudes não se trata apenas de reimplantar a moralidade aristotélica, mas de reinventar a teoria moral para enfrentar os problemas da contemporaneidade.

A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo aprofundar a compreensão do conceito de prática, conforme articulado por MacIntyre, e investigar sua relação com a ética das virtudes. Bem como a interpretação de MacIntyre sobre a prática, entendida como uma atividade carregada de significado moral e influenciada por seu contexto histórico e cultural, sendo assim, o ponto crucial para sua proposta ética. Diante de um ambiente em que o discurso moral se mostra fragmentado e frequentemente superficial.

Com isso, o conceito de prática de MacIntyre proporciona um caminho para reconectar a moralidade com a tradição e com os objetivos humanos fundamentais que são essenciais para a realização de uma vida ética e significativa. Dessa forma, este estudo tem como objetivo investigar de que maneira MacIntyre harmoniza a ética das virtudes com as demandas atuais, apresentando uma nova perspectiva sobre a moralidade que questiona as



crenças vigentes e estabelece um alicerce mais firme para a prática moral na sociedade contemporânea.

Alasdair MacIntyre destaca inicialmente o desacordo moral de sua época, evidenciado pela multiplicidade de discursos morais. O filósofo atribui essa fragmentação e desacordo ao fracasso do projeto moral da tradição filosófica. MacIntyre argumenta que a moralidade contemporânea é marcada por um estado de desordem, onde as premissas que sustentam os debates morais são frequentemente incomensuráveis.

Essa incoerência resulta em discussões intermináveis, nas quais diferentes visões de justiça, direitos e igualdade se confrontam sem que haja um meio racional de decidir entre elas. Enfatizando que essa circunstância não é algo próprio da contemporaneidade, mas sim uma parte intrínseca de todas as culturas que mantêm discursos de valores. Dessa forma, a investigação das divergências morais demonstra que, embora suas premissas sejam logicamente consistentes, a ausência de um critério comum para avaliá-las transforma a resolução de disputas morais em uma tarefa complicada e, muitas vezes, inviável.

Neste contexto de fragmentação dos conceitos morais, o conceito de "prática" se torna central para a análise de MacIntyre, oferecendo uma perspectiva que busca recuperar a coesão moral por meio da revalorização das tradições e das virtudes. A partir dessa base, o conceito de prática será apresentado como uma forma de restaurar um sentido de integridade e continuidade nas discussões morais, ao integrar a moralidade em um contexto que valoriza as práticas como elementos essenciais para a realização dos fins e valores humanos.

Uma parte fundamental da minha tese é afirmar que o discurso e os métodos da moral moderna só podem ser compreendidos como uma série de fragmentos remanescentes de um passado mais antigo e que os problemas insolúveis que geraram para os teóricos modernos da moral permanecerão insolúveis até que isso seja bem compreendido (MacIntyre, 2001, p. 192).

A prática pode ser entendida como uma atividade destinada à busca de excelência e direcionada a um bem específico, que se concretiza em determinados contextos sociais e históricos. Tendo um objetivo interno, mostrando que os participantes buscam algo que é valioso em si mesmo, não apenas como um meio para alcançar algo externo. Participar de uma prática envolve a aquisição e o desenvolvimento de habilidades e virtudes específicas. Essas habilidades não são apenas técnicas, mas também morais e éticas, que são necessárias



para a excelência da prática.

Em *Depois da Virtude*, MacIntyre caracteriza as práticas como sendo essas atividades que possuem um propósito interno. E, portanto, envolvem um conjunto de habilidades e conhecimentos específicos que são desenvolvidos ao longo do tempo e que são guiados por normas internas que definem o que constitui uma execução excelente da atividade.

O objetivo interno nesse contexto é um dos aspectos fundamentais das práticas. E são orientadas para fins específicos que são constitutivos da prática em si. Esses fins não são meramente externos ou contingentes, mas são parte integrante da atividade. As virtudes são essenciais para a prática, pois orientam o comportamento dos indivíduos e garantem que as interações dentro da prática sejam significativas e produtivas. A presença de virtudes fortalece a coesão social e a busca por excelência nessas atividades. A compreensão dessa relação é crucial para o desenvolvimento de uma vida ética, onde as virtudes não são apenas qualidades individuais, mas também elementos fundamentais que sustentam a vida em comunidade e a busca por um bem maior.

Dessa forma, as práticas são desempenhadas dentro de um contexto de uma tradição, e contribuem para a formação das virtudes. Sendo sustentadas por normas e tradições que são transmitidas socialmente. Essas normas definem o que significa fazer a prática bem e guiam os participantes na busca pela excelência. Já tradições ajudam a preservar e transmitir os valores e as técnicas necessárias para cada prática. Toda atividade, toda investigação, toda prática têm algum bem como finalidade, pois queremos dizer que “o bem” ou “um bem” é aquilo a que os seres humanos normalmente aspiram. (MacIntyre, 2001, p. 252).

Seguindo o que foi exposto, a teoria das virtudes de Aristóteles, destacasse na tradição clássica do pensamento moral. Pois parte do pressuposto de que toda atividade humana tem um bem como finalidade. Refutando a ideia de que a definição do bem é uma falácia naturalista, e afirmando que as declarações sobre o que é bom são, de fato, declarações factuais. Para Aristóteles, os seres humanos têm uma natureza específica que os direciona a objetivos e metas, movendo-se em direção a um telos (finalidade) específico. O bem é, portanto, definido de acordo com as características dessa natureza.

Na teoria das virtudes de Aristóteles, as virtudes são divididas em duas categorias principais: virtudes éticas e virtudes dianoéticas. As virtudes éticas, que estão relacionadas



ao caráter e à conduta moral, são adquiridas por meio da prática constante e da habituação a comportamentos virtuosos. Por outro lado, as virtudes dianoéticas estão associadas à razão e ao intelecto, sendo mais ligadas ao conhecimento e à sabedoria.

Dessa forma, Aristóteles argumenta que a prática dessas virtudes é fundamental para o desenvolvimento de um caráter virtuoso e que a verdadeira felicidade (eudaimonia) é alcançada por meio de uma vida virtuosa, na qual razão e moralidade se entrelaçam. Assim, as virtudes são vistas como hábitos que podem ser cultivados e que são essenciais para a realização do potencial humano e para a vida em comunidade. A evolução do conceito de virtude ao longo da história do pensamento ocidental, destaca a diversidade de interpretações e a falta de uma definição única. MacIntyre enfatiza que a virtude não é um conceito isolado, mas sempre está ligado a contextos sociais e morais específicos. Ele menciona que, na teoria homérica, a virtude está relacionada ao papel social, enquanto em Aristóteles, está vinculada à ideia de uma vida boa, e em Benjamin Franklin, à utilidade.

A compreensão do conceito de virtude deve ser feita em três estágios distintos, cada um com seu próprio contexto conceitual. O primeiro estágio envolve uma explicação que contextualiza o que ele chama de "prática", que se refere a atividades específicas nas quais as virtudes se manifestam. Neste primeiro estágio, a virtude é entendida como algo que se manifesta em atividades específicas e práticas. Aqui, as virtudes não são apenas conceitos abstratos, mas sim comportamentos e ações concretas que as pessoas realizam em suas vidas diárias. Esse enfoque enfatiza a importância do contexto em que as virtudes se expressam, reconhecendo que elas se desenvolvem e se tornam significativas dentro de práticas sociais e culturais específicas. As virtudes são, portanto, vistas como habilidades ou disposições que se tornam evidentes em situações práticas. O segundo estágio diz respeito à "ordem narrativa" da vida humana, onde a virtude é entendida em relação às histórias e experiências individuais. Ele envolve a "ordem narrativa" da vida humana, onde a virtude é compreendida em relação às histórias e experiências individuais.

Nesse contexto, as narrativas pessoais e coletivas desempenham um papel crucial na formação da compreensão das virtudes. As histórias que contamos sobre nós mesmos e sobre os outros ajudam a moldar nossas percepções do que é virtuoso. A virtude, portanto, é contextualizada dentro das experiências de vida, das tradições e das narrativas culturais que influenciam a maneira como as pessoas entendem e praticam a moralidade. Esse estágio destaca a importância da narrativa na construção da identidade moral e na transmissão de

valores éticos. O terceiro estágio, sugere uma análise mais profunda das implicações e significados das virtudes. Esse estágio envolve uma reflexão crítica sobre como as virtudes se articulam com as normas sociais, as expectativas culturais e as realidades políticas. A análise das virtudes neste nível busca entender não apenas o que significa ser virtuoso, mas também como as virtudes podem ser aplicadas para promover mudanças sociais e contribuir para o bem comum.

MacIntyre argumenta que, mesmo dentro da tradição ocidental, existem muitas concepções diferentes e incompatíveis de virtude. Ele menciona que Homero, Sófocles, Aristóteles e pensadores medievais oferecem listas e classificações distintas das virtudes, refletindo diretamente em teorias variadas sobre o que constitui a virtude. Na visão homérica, a virtude é uma qualidade que permite ao indivíduo cumprir seu papel social, como o rei-guerreiro, enquanto Aristóteles fala de excelência em atividades humanas distintas. Essa diversidade é ainda mais acentuada quando se considera a inclusão de autores contemporâneos. Com isso, MacIntyre sugere que a ideia de prática é fundamental para entender o conceito de virtude, embora reconheça que as virtudes não se limitam a essas práticas.

A evolução do conceito de virtude está intimamente ligada à história da tradição que o forma. MacIntyre argumenta que a vida humana deve ser compreendida como uma narrativa, onde as ações individuais são inseridas em um contexto histórico mais amplo que lhes confere significado. Essa abordagem narrativa é fundamental para entender como as virtudes se manifestam e se sustentam ao longo do tempo, em um mundo que frequentemente fragmenta a experiência humana em segmentos isolados.

MacIntyre aponta que a vida de cada indivíduo está inserida em narrativas coletivas que conferem sentido às suas experiências. Ele destaca que a escolha de um evento como início ou fim de uma narrativa é uma questão de atribuição de significado, que pode variar conforme o contexto e a tradição. Essa flexibilidade na interpretação histórica é crucial para entender como as narrativas moldam nossa compreensão do passado e, por extensão, do presente.

Seguindo esse contexto, ele utiliza a morte de Júlio César como reflexão sobre como os eventos são percebidos como inícios ou fins em narrativas históricas. Um exemplo para ilustrar que a história não é linear e que a atribuição de importância a certos eventos é



subjetiva. A morte de César pode ser vista como o fim da República Romana, mas também pode ser interpretada como o início de uma nova era. Essa multiplicidade de interpretações sugere que a história é moldada por narrativas que atribuem significado a eventos, e que esses significados podem variar conforme o contexto.

A vida de cada indivíduo é compreendida dentro do contexto de tradições e histórias mais amplas. E essa inserção é fundamental para a compreensão da identidade e das experiências individuais. MacIntyre enfatiza que as histórias que contamos sobre nossas vidas são moldadas por tradições que nos precedem, e que essa conexão é essencial para a formação de uma narrativa coerente.

Dessa forma, as tradições e as histórias das comunidades às quais pertencemos influenciam nossas ações e decisões. Por exemplo, a forma como uma cultura valoriza certas virtudes ou práticas molda a maneira como os indivíduos dentro dessa cultura se veem e se comportam. MacIntyre aponta que a modernidade tende a fragmentar a vida em diferentes esferas, o que dificulta a percepção da vida como um todo coeso. A inserção narrativa busca restaurar essa unidade, mostrando que as experiências individuais são partes de uma narrativa contínua que dá sentido à vida.

Nesse viés, a inserção narrativa também implicará uma responsabilidade em relação às narrativas dos outros indivíduos. Pois, nossas vidas estão interligadas, e as narrativas que construímos não são apenas sobre nós mesmos, mas também sobre como nos relacionamos com os outros. Isso destacando assim, a importância da compreensão nas interações humanas.

Diante do exposto torna-se claro a importância das virtudes e da sustentação das tradições que está intrinsecamente ligada à forma como as narrativas moldam a experiência humana. As virtudes, como justiça, coragem e compaixão, não são apenas características individuais. Essas virtudes fornecem um arcabouço moral que orienta as ações e decisões dos indivíduos, permitindo que eles se insiram em narrativas mais amplas que refletem valores coletivos. Quando os indivíduos agem de acordo com essas virtudes, elas passam a contribuir também para a narrativa social que une a comunidade, criando um sentido de pertencimento e continuidade.

As tradições, por sua vez, têm o papel de conectar o passado ao presente, oferecendo um contexto histórico que enriquece a compreensão da identidade individual e coletiva. Sendo formadas por narrativas que foram transmitidas ao longo do tempo, e que cada



geração tem a responsabilidade de reinterpretá-las e adaptá-las às novas realidades. Permitindo assim que as tradições não sejam vistas como meros resquícios do passado, mas como vivências dinâmicas que continuam a influenciar a vida contemporânea. Assim, as tradições sustentam as virtudes ao fornecer um contexto no qual elas podem ser praticadas e valorizadas, reforçando a importância de uma moralidade que transcende o individualismo.

Essa interconexão entre as virtudes e as tradições se torna ainda mais evidente quando consideramos também o papel das narrativas na formação do caráter e na capacidade de julgamento moral. As narrativas que vivenciamos moldam nossas percepções sobre o que é certo e errado, e as virtudes que praticamos são frequentemente inspiradas por figuras e eventos narrados pelas tradições. Quando os indivíduos se veem como parte de uma narrativa maior, que inclui as virtudes que valorizam, eles se tornam mais propensos a agir de maneira ética. Fortalecendo não só a prática das virtudes, mas também enriquecendo a tradição, pois cada ato virtuoso se torna uma nova narrativa que pode ser contada e recontada, perpetuando o ciclo de aprendizado e crescimento moral.

Assim as virtudes e a sustentação das tradições desempenham um papel crucial na formação da identidade individual e coletiva. No entanto, a modernidade trouxe consigo uma fragmentação da vida que desafia essa visão unificada. Essa fragmentação é exacerbada por uma cultura que valoriza o individualismo, muitas vezes em detrimento das tradições que sustentam as virtudes. Nesse contexto, as narrativas que antes uniam as comunidades e proporcionavam um sentido de pertencimento e continuidade começam a se desintegrar, levando a uma crise de identidade e a uma perda de propósito.

A importância do contexto histórico se torna evidente ao analisarmos como as tradições moldam as virtudes e como essas virtudes são reinterpretadas ao longo do tempo. Em um cenário de crise da moralidade moderna, essa relação é crucial, já que a fragmentação e a falta de consenso sobre princípios éticos resultam, em parte, do abandono das tradições teleológicas que fundamentavam a ética no passado. A moralidade contemporânea frequentemente se apresenta como um conjunto de normas isoladas, desconectadas de um propósito maior, levando a um estado de confusão e incerteza. A ausência de uma visão teleológica clara resulta em dilemas morais que parecem insolúveis, uma vez que não há um critério comum que una as diversas perspectivas éticas em um



entendimento coeso do bem.

A teleologia, que se refere ao estudo dos fins ou propósitos das ações, é fundamental nesse contexto para a ética, pois fornece uma condição na qual as virtudes podem ser compreendidas. Ao invés de ver as virtudes como meras normas a serem seguidas, a teleologia permite que elas sejam entendidas em relação a um objetivo maior, que é a busca do bem comum. Essa perspectiva é essencial para restaurar um sentido de propósito na moralidade, pois as virtudes não são apenas características individuais, mas sim disposições que contribuem para a realização do potencial humano e para a promoção do bem-estar coletivo.

A necessidade de retorno à teleologia, conforme discutido por MacIntyre, é uma resposta à crise da moralidade contemporânea. Ele defende que a moralidade deve ser entendida em termos de um propósito maior, que é a busca do bem comum e a vida em comunidade. A teleologia não apenas fornece um contexto para as virtudes, mas também enfatiza a importância das tradições e da interdependência entre os indivíduos. Ao restaurar essa perspectiva, MacIntyre acredita que podemos superar a fragmentação da moralidade moderna e encontrar um caminho mais coeso e significativo para a ética.

Outra problemática que o retorno da teleologia sanaria é o da cultura individualista, a ênfase nos direitos e interesses do indivíduo, pode levar a uma visão da justiça centrada em reivindicações pessoais e direitos individuais, em detrimento do bem comum. Isso pode resultar em uma falta de consideração pelas necessidades e direitos coletivos, criando um ambiente onde a justiça é vista como uma questão de interesses conflitantes. A cultura individualista pode dificultar o alcance de um consenso sobre normas e valores justos. Como cada indivíduo pode ter sua própria interpretação do que é justo, isso pode levar a uma multiplicidade de conceitos de justiça que são rivais e, muitas vezes, irreconciliáveis. A falta de um entendimento comum sobre a justiça pode resultar em conflitos sociais e políticos.

MacIntyre aborda a relevância da justiça na vida política, destacando a perspectiva aristotélica. Aristóteles considera a justiça como a primeira virtude da vida política, sugerindo que uma comunidade que não possui um entendimento comum sobre a justiça carece da base necessária para a coesão social. Essa falta de consenso não apenas compromete a moralidade, mas também ameaça a própria estrutura da sociedade, uma vez que a justiça é fundamental para a convivência e a harmonia entre os indivíduos.



O autor argumenta que a incapacidade contemporânea de concordar sobre um catálogo de virtudes reflete uma crise mais profunda na moralidade. A sociedade atual, marcada por um individualismo exacerbado, enfrenta dificuldades em estabelecer normas que fundamentem as virtudes. A virtude, que deveria ser entendida como uma disposição para agir de acordo com normas éticas, se torna um conceito nebuloso, uma vez que o acordo sobre quais normas devem ser seguidas é pré-requisito para a definição de qualquer virtude. Essa falta de consenso gera um ambiente de incerteza moral, onde as pessoas se sentem desorientadas em relação ao que é considerado certo ou errado.

Além disso, MacIntyre menciona que a tradição aristotélica, embora fragmentada, ainda oferece uma base para a compreensão da moralidade. Ele sugere que muitos dos conceitos morais modernos são, na verdade, resquícios dessa tradição, o que implica que a rejeição total da filosofia aristotélica pode ser um erro. A incapacidade dos filósofos contemporâneos de desenvolver uma teoria moral coerente e racionalmente defensável está intimamente ligada à fragmentação das ideias herdadas de Aristóteles. Essa situação revela a necessidade de revisitar e reinstaurar a tradição aristotélica para restaurar a inteligibilidade e a racionalidade nas discussões morais.

MacIntyre também critica a abordagem contemporânea da moralidade, que muitas vezes se baseia em jargões e fragmentos de diferentes tradições, resultando em debates públicos e privados que carecem de clareza e resolução. Essa desordem moral é exacerbada pela falta de uma teleologia clara, uma vez que a teleologia aristotélica foi desacreditada. Os filósofos morais têm tentado oferecer teorias alternativas, mas muitas dessas tentativas falharam em proporcionar uma base sólida para a moralidade, levando a um estado de confusão e arbitrariedade nas discussões éticas.

A proposta de Nietzsche de demolir as estruturas morais herdadas é apresentada como uma resposta a essa crise. Ele critica a ideia de que existem valores morais absolutos e universais. Para ele, a moralidade é uma construção social e histórica, e os valores que consideramos "morais" são, na verdade, reflexos de interesses e perspectivas específicas. Ele argumenta que a moralidade tradicional, especialmente a cristã, promove uma visão de mundo que nega a vida e a individualidade. Propõe a figura do *Übermensch* como um ideal de superação do homem comum, que se liberta das amarras da moralidade convencional. O *Übermensch* cria seus próprios valores e vive de acordo com sua própria vontade, em vez



de se submeter a normas externas. Essa ideia desafia a moralidade tradicional, que muitas vezes enfatiza a conformidade e a obediência.

A famosa declaração de Nietzsche sobre a "morte de Deus" simboliza a crise da moralidade tradicional em um mundo que se tornou secular. Com a perda de uma base divina para a moralidade, Nietzsche vê a necessidade de reavaliar e reinventar os valores humanos. Essa "morte" não é apenas uma negação da divindade, mas também um chamado à responsabilidade individual na criação de novos valores. Embora sua abordagem seja vista como desesperada e grandiosa, ela reflete uma percepção aguda da desordem moral contemporânea. MacIntyre sugere que, apesar das falhas das teorias morais modernas, a crítica nietzschiana pode ser válida, pois aponta para a necessidade de uma reavaliação das crenças e argumentos morais que sustentam a sociedade. “Nietzsche zomba da ideia de fundamentar a moralidade em sentimentos morais íntimos, na consciência, por um lado, ou no imperativo categórico kantiano, na possibilidade de universalização, por outro” (MacIntyre, 2001, p.196).

Neste trecho fica evidente a natureza crítica em que se constrói o pensamento de MacIntyre, a partir da contestação de Friedrich Nietzsche à tradição moral. Por fim, o MacIntyre sugere que a busca pela virtude, seja através da tradição aristotélica ou da crítica nietzschiana, é uma tarefa urgente e necessária. A moralidade contemporânea enfrenta desafios significativos, mas a reflexão crítica sobre as tradições morais pode oferecer caminhos para a restauração da justiça e da virtude na vida política. MacIntyre nos convida a reconsiderar nossas crenças e a trabalhar coletivamente para estabelecer um entendimento comum sobre as normas que fundamentam a convivência, enfatizando que a justiça deve ser uma prioridade na construção de uma sociedade mais ética.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a análise conceitual da obra *Depois da virtude: um estudo em teoria moral* (2001) do autor em questão Alasdair MacIntyre. Ela objetiva entender a teoria moral do autor, assim como analisar conceitualmente os temas relevantes a esta pesquisa, como a construção da sua teoria moral a partir da ética das virtudes de Aristóteles na dimensão contemporânea, e o conceito de prática.

A análise da obra de Alasdair MacIntyre, *Depois da Virtude*, revela uma crítica profunda à fragmentação da moralidade contemporânea. MacIntyre argumenta que a moralidade moderna é marcada por um estado de desordem, onde diferentes discursos morais coexistem sem um critério comum para avaliá-los. Essa multiplicidade de visões



resulta em debates intermináveis sobre justiça, direitos e igualdade, que muitas vezes não levam a uma resolução satisfatória. A falta de um fundamento compartilhado para a moralidade torna a discussão ética um campo de batalha de opiniões, onde a razão é frequentemente eclipsada por emoções e interesses pessoais.

Um dos conceitos centrais na obra de MacIntyre é o de "prática", que ele define como atividades sociais que buscam a excelência e têm um bem intrínseco. As práticas são moldadas por contextos históricos e culturais específicos, e a participação nelas requer a aquisição de habilidades e virtudes que vão além do mero conhecimento técnico. Essa abordagem destaca a importância da formação moral dentro de um contexto comunitário, onde as tradições e as narrativas coletivas desempenham um papel crucial na formação da identidade e na atribuição de significado às ações individuais.

MacIntyre também critica a visão moderna que separa a moralidade da história e da cultura. Ele argumenta que a ética não pode ser entendida de forma isolada, mas deve ser contextualizada dentro das tradições que a sustentam. Essa perspectiva histórica é fundamental para compreender as deficiências das teorias éticas contemporâneas, que muitas vezes ignoram as raízes culturais e sociais das normas morais. Ao enfatizar a importância do contexto, MacIntyre propõe um retorno à ética das virtudes de Aristóteles, adaptando-a às demandas do mundo moderno.

Por fim, o artigo indica que a proposta de MacIntyre para a ética das virtudes oferece um caminho promissor para enfrentar os desafios morais do mundo contemporâneo. Ao integrar a moralidade com as práticas sociais e as tradições culturais, sua abordagem proporciona uma estrutura mais coesa e significativa para a vida ética. A revalorização das virtudes e das práticas pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, onde as ações individuais são orientadas por um compromisso com o bem comum e a excelência moral.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em conclusão, a investigação sobre o conceito de "Prática" em Alasdair MacIntyre revela a necessidade urgente de uma reavaliação da ética contemporânea. A fragmentação da moralidade moderna, conforme diagnosticada por MacIntyre, exige uma reflexão



profunda sobre as bases que sustentam nossos discursos morais. A proposta de retornar à ética das virtudes, adaptando-a ao contexto atual, oferece uma alternativa viável para superar as limitações das teorias éticas contemporâneas.

A ética das virtudes, ao enfatizar a importância das práticas e das tradições, nos convida a reconsiderar a forma como entendemos a moralidade. A formação de virtudes dentro de um contexto comunitário é essencial para a construção de uma vida ética significativa.

Por fim, a pesquisa destaca a relevância do pensamento de MacIntyre para a formação de uma ética que não apenas critique as deficiências da moralidade contemporânea, mas que também ofereça soluções práticas e contextuais. A revalorização das virtudes e das práticas é um passo fundamental para restaurar a coesão moral e promover uma vida ética que seja verdadeiramente significativa e integrada às realidades sociais e culturais em que vivemos.

## REFERÊNCIA

MACINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude: um estudo em teoria moral**. Tradução de Jussara Simões; revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru-SP, EDUSC, 2001.